

O CURIÓ DEZOITO SALVOU MINHA VIDA

Em 1965, morava em Santo André SP, trabalhando no Banco do Brasil de lá. Ganhei de meu tio avô Mário, lá do Rio de Janeiro, um curió que cantava um Paracambi maravilhoso. Só que ele tinha uma nota de divisão muito forte e quase não dava “purru”, para ele seria um defeito. Por isso, ganhei-o de presente dele. Eu era apaixonado pelo bicho. Quando ainda pardo com algumas penas pretas estivemos passeando junto com meu tio. com os curiós dele no Alto da Boa Vista lá no Rio. Deu um show, fiquei deslumbrado.

Repetia muito e muitas vezes terminava por volta do décimo oitavo canto. Daí o nome “DEZOITO”. Ele me deu muitas alegrias, por exemplo em um torneio em São Paulo, ganhou disparado dos outros, repetiu muito e não tinha nenhuma nota distoante, simplesmente espetacular. Nesse dia o Boi – Reinaldo – (grande formador de opinião entre os criadores) disse: “*nunca vi um curió paracambi como esse: é extraordinário*”. Foi um rebuliço danado e um criador, não me lembro o nome, chegou perto de mim e ofereceu um absurdo pelo pássaro. Recusei e disse a ele, “*posso comprar um carro com esse dinheiro mas não terei outro curió igual em lugar algum*”.

Realmente o entusiasmo era grande e não trocava o DEZOITO por nada deste mundo. Neste mesmo ano, fui a Ribeirão Preto SP, num torneio da Cava do Bosque junto com o amigo Romano, deixei ele numa estaca onde passava muita gente. De repente apareceu um cidadão de Taquaritinga Sr. Mauro Viana, conhecido por comprar pássaros por qualquer preço, ele me ofereceu outra fortuna por ele. Recusei, apesar a insistência.

Tenho até hoje comigo uma taça de Fibra que ganhei com ele no primeiro torneio desse tipo realizado em Santo André, apesar de ter cantado muito mais que o primeiro lugar, ficou em segundo. Isto porque o “Juiz” afirmou que na média desde o início do torneio o outro havia cantado mais. Segundo ele era o regulamento, sic. Aceitei, como “bom cabrito”. Ganhei também torneio de fibra em São Bernardo, que fizemos lá no mesmo ano, inédito e único. Vale registrar que nesse mesmo ano fomos de Kombi em numero de oito criadores ao Torneio de Fibra de Bicudos e Curiós em Araras SP. A partir desse evento o pessoal de Santo André passou a integrar a comunidade de fibra que havia no interior de São Paulo, foram momentos gratificantes.

Mudei para Ribeirão Preto em meados de 1968, veio na mudança, junto com o Cajueiro e alguns canários. Aqui chegando despertou o interesse de muitos criadores que gostavam de canto. O Alfredinho conhecido criador, veio em minha casa vários dias tentando comprá-lo, sem sucesso. Jurandir, funcionário dos Correios também me perturbava para adquiri-lo. Bom assim foi até que tive um desentendimento muito sério com um grande amigo o Mantovani. Depois de muito tempo reatamos a amizade mas naquela época fiquei meio indignado e resolvi vender os bicudos e os curiós que tinha para não freqüentar os mesmos locais que ele estava. A raiva era muita, rssss. Aí, procurei o Jurandir e vendi o DEZOITO por uma bagatela. Durma-se com uma doidura dessa. Aprendi a lição, nunca recusar propostas absurdas, dá ziquizira na certa.

Relatei tudo isso sobre o DEZOITO, mas a passagem mais interessante dele comigo, ocorreu em São Bernardo do Campo. Sebastião Romeiro, me convidou à época, para ir caçar curiós no alto da serra. Na realidade que queria mesmo era passear e dar um treino bem dado no DEZOITO, ver curió solto é excelente para

excitar. Levantamos bem cedo, quatro da manhã, precisava trabalhar à 12 horas no Banco Brasil em Santo André, tinha que chegar a tempo. Chegando no local programado, Romeiro me disse: *“vá por ali e que vou dar a volta por ali, lá pelas nove horas a gente se encontra naquele monte acolá, ok”*. Respondi: *“ok, façamos assim, então”*. Sai então, admirando a natureza, o sol nascendo lá embaixo dava para ver um banda da represa Bilings um tanto baixa. Dava para avistar a água lá bem longe. Segui em frente, com o DEZOITO na palma da mão cantando a todo vapor. Feliz da vida, lá ia eu entre os arbustos de baixa altura e a grama um tanto molhada pela ação da névoa noturna. De repente, DEZOITO, estaca, para de cantar e emite seguidos trinados de “gavião” : “til – til – til”, vocalização que os curiosos produzem para alertar sobre algum perigo importante. Olhei para os lados e nada vi. DEZOITO insistindo nos “til”. Aí a explicação veio em seguida, escutei o zunido de uma abelha passando por muito perto. Logo depois outra e outras mais. Imediatamente, não titubeei, me abaixei colocando a gaiola dele entre minhas pernas e fiquei imóvel. Em segundos, milhares de abelhas africanas “das brabas” passaram meio metro acima de minha cabeça. Foi mais de um minuto de abelha, um zoadeiro doido, minha calça ficou toda borrada. Passada a onda, fiquei ali, estupefato, meio abobado, todo cagado, mas sem nenhuma picada de abelha, ileso. Sabia que se elas me atacassem, não sobreviveria, a água estava há mais de 300 metros como correr até lá?

Daí a pouco me levantei, abaixei as calças, tirei a cueca com todo cuidado e a joguei no mato. (só contei isso pros outros depois de muitos anos). Sacudi a poeira, olhei para o DEZOITO, e disse a ele: *“você salvou a nossa vida, heim, muito obrigado”*. Aliviado, dali mesmo fui para o local combinado a esperar o companheiro Romeiro. Nada de continuar a caça. *“que caçar o quê, quero é ir pra casa”* salvo pelo querido DEZOITO.

Aloísio Pacini Tostes – Bonfim Paulista SP

Multiplicar para conservar